

Turismo, Mobilidade e
Pós-Modernidade:
Interrelações Iniciais

Felipe Zaltron de Sá y Susana de Araújo Gastal

Turismo, Mobilidade e Pós-Modernidade: Interrelações Iniciais

Felipe Zaltron de Sá¹ y Susana de Araújo Gastal²

Resumo:

A literatura especializada consagra o momento contemporâneo [pré-Covid], aquele das lógicas do capitalismo globalizado e, nas suas expressões culturais, dito pós-moderno, como marcado por: [a] ruptura paradigmática com a ciência cartesiana, em prol de modelos teórico-metodológicos associados à complexidade; [b] mobilidades induzindo ao ‘apagamento’ do território, colocando o lugar como centro da discussão e introduzindo conceitos-questões como fluxos, fixos e redes; e [c] Turismo, antes fenômeno hegemônico a marcar as mentalidade, vê-se interpelado por tais dialógicas em termos conceituais e em suas práticas. No atual cenário de pandemia global, o Turismo estaria entre as práticas culturais mais afetadas, acentuando as interpelações ao seu modelo de práticas. Portanto, essa investigação tem seus procedimentos baseados em revisão bibliográfica e sínteses de teor ensaístico, com o objetivo de analisar tais marcas na interrelação entre o Turismo e a Mobilidade, pressupondo tratar-se de conceitos complexos e dialógicos. Os resultados da pesquisa em processo permitem inferir que a Mobilidade ainda não se coloca como conceito-chave para estudo de fenômenos socioculturais associados ao Turismo. como seria de se esperar. Frente às decorrências da Pandemia Covid-19, inicia-se o repensar de tal lacuna.

Palavras-Chave: Turismo. Mobilidade. Pós-Modernidade.

¹ Universidade Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. felipezaltrondesa@gmail.com

² Universidade Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. susanagastal@gmail.com

Introdução

A palavra-expressão pós-moderno teria sido utilizada já na década de 1930, pelo espanhol Federico Onis, a partir da Literatura, chegando ao mundo anglófono só na década de 1950. Nos anos 1970, a publicação *boundary2* trazia como subtítulo ‘Revista de Literatura e Cultura Pós-Moderna’. Mas será nas décadas de 1980 e 1990 que discussões acadêmicas ganham densidade ao sinalizar sobre a emergência de um novo desenho cultural, em decorrência da economia globalizada e suas marcas na financeirização do capital e na hegemonia do setor de serviços, ambos mediados pelas tecnologias digitais. Entre os textos³ desse momento que se tornaram seminais, é possível constatar a diversidade de origem dos teóricos, que olham o tema de diferentes áreas do conhecimento. Uma síntese das ideias presentes nesses escritos apontaria três aproximações para pensar o contemporâneo, no seu cenário pré pandemia Covid-19:

[a] Filosófica, associada ao conhecimento demarca a ruptura com o paradigma da ciência cartesiana, até então hegemônico, que passa a conviver com novas aproximações que valorizam a subjetividade do olhar do sujeito sobre o objeto de investigação, e a complexidade *da* e *na* pesquisa em termos teóricos e metodológicos, reforçando métodos de análises como o semiótico, o pós-estruturalista, o fenomenológico e o de sistemas, entre outros;

[b] Geográfica, considera o ‘apagamento’ do território pela compressão espaço-temporal, levando ao desencaixe e à fragmentação em decorrência das múltiplas e complexas mobilidades que o perpassam; emerge a figura do território-rede, questionando o tratamento moderno dado a conceitos como *lugar* e *paisagem*;

[c] Sociológica, destaca a mobilidade implicada nas relações espaço-temporais dos fluxos e fixos, mas também nas suas decorrências econômicas, sociais, culturais e político-ideológicas sobre os cotidianos pessoais e coletivos.

³ *A condição pós-moderna* (1979) e *O pós-moderno* (1986), do filósofo J. F. Lyotard; Fredric Jameson, crítico literário, com o texto *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1996), inicialmente publicado no jornal *New Left Review* em 1984, só posteriormente transformado no livro *Postmodernism or the Cultural Logic of Late Capitalism*; o semiólogo Omar Calabrese, no livro *L'età neobarroca* (1987/1988); Linda Hutcheon, vinda da Literatura, com *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction* (1988/1991); David Harvey, geógrafo, com o importante *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change* (1989/1992); e Scott Lash, da área de Estudos Culturais, com o *Sociology of Posmodernism* (1990/1997); Perry Anderson, cumprindo seu papel como historiador, fará uma bela síntese histórica com *The origins of Pos-modernity* (1998/1999).

Em relação ao entrelaçamento de tais aproximações com o Turismo, retoma-se Lash e Urry (1994) que expõem pela primeira vez afirmações considerando o ‘fim do Turismo’, no livro *Economies of Signs & Space*. Para os autores a afirmação está intrinsicamente relacionada ao Capitalismo Desorganizado [Tardio ou High-Tech, entre outras denominações], central nas discussões associadas à Pós-Modernidade. Para Lash e Urry (1994), se considerado o Turismo de Massa Organizado, o ‘fim do Turismo’ associa-se às novas práticas e formatações da atividade em relação a momentos anteriores, quando esteve relacionada a questões como a padronização e generalização das viagens. Mas, no *stricto sensu*, mesmo na sua massificação o turismo continuará a privilegiar alguns grupos, em detrimento de outros. Questões econômicas e de acesso ao trabalho, além da crescente urbanização, significarão a *periferização* espacial, cultural, social e de acesso às viagens, por largas camadas da população (Vieira, 2020; Vieira & Gastal, 2021).

Por tais razões, Lash e Urry colocam o *Capitalismo Desorganizado* como demarcando o fim do Turismo em associação ao Pós-Turismo, significando que em suas relações os signos e os imaginários estarão mais presentes do que outras funcionalidades materializadas. Mais, ainda, o consumo de signos e imaginários turísticos invadirá os cotidianos: “People are tourists most of the time, whether they are literally mobile or only experience simulated mobility through the incredible fluidity of multiple signs and electronic images” (p. 259). Ou seja, associam os sujeitos a turistas, quer queiram ou não. Sujeitos móveis são interpelados como consumidores de relações-simulacros, nas quais os lugares e a cultura realocam-se em estruturas em rede se sobrepondo às relações territorializadas.

Nessa relação, o Turismo, atrator e impulsionador da crescente mobilidade, abarca e interpela as dialógicas do mundo contemporâneo, ao tentar apreende-las nas suas multidimensões complexas. Por tal, em momento pandêmico, o Turismo torna-se a primeira área, tanto do conhecimento quanto de empirização, a sofrer as consequências das restrições ao presencial, especialmente se pensada a partir de conceitos estanques como em momento anterior. O que nos leva a considerar que a Mobilidade⁴ possa incluir não só a sua associação primeira ao movimento, mas também nos levar a inferir possíveis questões associadas ao mesmo quando em suas descontinuidades (De Sá &

⁴ Vale esclarecer que ao citar Mobilidade [com M maiúsculo] referimo-nos aos conceitual e teórico, enquanto mobilidade [com m minúsculo] associa-se as metáforas e práticas móveis.

Gastal, 2021). E talvez, nestes termos, permitindo supor que a Pós-Modernidade como a lógica cultural do capitalismo tardio, como proposta por Jameson (1996), esteja alcançando o seu ápice.

Portanto, essa investigação, metodologicamente baseada em revisão bibliográfica dialogada em sínteses de teor ensaístico, objetiva analisar as marcas possíveis de consideração na interrelação entre o Turismo e a Mobilidade. Para tal discussão o presente artigo, após esta Introdução, apresenta-se em três eixos para, no que se segue, *pensar o turístico*: o epistêmico-metodológico, para compreender a complexidade *da e na* Mobilidade no deslocamento psíquico [turista] e territorial [Turismo]; o geográfico, no enfoque do ‘apagamento’ do território, nas transversalidades da Mobilidade na interrelação entre fixo-fluxo, lugar e rede; o filosófico-sociológico para reflexão sobre a Mobilidade, questionando aqui também a relação do que tem sido denominado como *mobilidade turísticas*.

Os três eixos, em triangulação, encaminham uma rede móvel e complexa de relações e de estruturas diferenciadas, que talvez permitam repensar o entendido por Turismo até o momento imediatamente anterior a Pandemia da Covid-19 e, ato contínuo, em aproximações apriorísticas à mobilidade no momento pandêmico. Mobilidade como conceito complexo e dialógico, permite inferir a mesma demarcada não só pelo movimento, mas também por pausas temporárias do/no mesmo, ou imobilidades, assim como e de maneira mais drástica, pela a-mobilidade como pausas longas e disruptivas, como o associado recentemente a partir da imposição dos *lockdowns* pandêmicos em diferentes cidades, países e regiões (De Sá & Gastal, 2021).

Os Eixos para pensar o Turístico

Pensar *para, no e com* o Turismo na contemporaneidade tem sido tarefa árdua. Em momento anterior, pré Covid-19, falava-se sobre *overtourism* ou ainda em *turismofobia*, quando a turistificação em massa tinha transformado cidades [junto com seus imaginários] e cotidianos. Após a crise sanitária induzida pelo vírus chegou-se a cogitar que tais associações não só mudariam, mas dependeriam novamente da [re]inserção de movimentos turísticos aos lugares que se tornaram esvaziados de turistas. Nos dias atuais, as retomadas do Turismo ainda são incipientes, incentivando práticas de teor ético duvidoso, como a

abertura de fronteiras para que viajantes pudessem se vacinar em locais diferentes do seu de moradia, o que foi inclusive nichado como Turismo de Vacina. Outra questão é a discussão em torno do Certificado Internacional de Vacinação [*Vaccine Passport*]. Em termos teóricos, estudiosos ainda tentam realocar percepções metodológicas e teóricas, e até mesmo epistemológicas, para analisar o atual momento ou para o que se prosseguirá. A dificuldade desses percursos está em que muitos autores ainda utilizam concepções cartesianas e sedentárias sobre um Turismo, agora marcado por maiores complexidades e novos tipos de mobilidade a conviver com imobilidades e a-mobilidades. Portanto, no que segue, buscamos uma relação dialógica com o que está posto em termos teóricos, em eixos epistêmico-metodológico, geográfico e filosófico-sociológico.

Eixo Epistêmico-Metodológico

Em 2000, Urry destacava no livro *Sociologies beyond Societies*, a necessidade de reformulação da base epistemológica e metodológica das disciplinas, para além de suas considerações tradicionais associadas aos fixos espaciais e temporais. Segundo ele, que falava da Sociologia, mas em teorização que pode ser ampliada a outras áreas de conhecimento, a reformulação deve considerar as mudanças e velocidades contemporâneas do capital, das tecnologias de informação e dos imaginários, que viajam tanto no espaço virtual como no territorial. Para Urry, tais mudanças imbricam-se na complexidade das relações socioculturais, ignoradas quando/se houver a exclusão dos sujeitos pesquisados.

Na mesma lógica, Sheller e Urry (2006) e Cresswell (2006)⁵ defendem a Mobilidade como mudança a ser considerada epistemológica e paradigmática em relação às técnicas e métodos de investigação ainda praticados no interior das Ciências Sociais. Segundo os autores, por tal viés o estudo da Mobilidade permitirá mapear e compreender tanto os movimentos globais em grande escala de pessoas, objetos, capitais e informações, como também os processos locais de deslocamento no espaço público e as viagens realizadas no âmbito da vida cotidiana (Sheller & Urry, 2006).

⁵ Ressalta-se aqui que as bases teóricas de muitos autores, como Tim Coles, Colin Hall, Scott Cohen e até mesmo Kevin Hannam derivam a partir de Sheller e Urry, analisando a Mobilidade como mudança paradigmática, entre outras discussões. E, portanto, alguns não se fazem presentes nesta revisão, que opta pelas discussões primeiras.

Considerando-se que a complexidade está explícita ou implicitamente presente no âmbito dessas reflexões, busca-se em Morin (2005) subsídios para ampliar a discussão. Para este filósofo, o pensamento complexo, por multidimensional em relação a disciplinas, conhecimentos ou categorias cognitivas, reconhece a incompletude e a incerteza como princípios. Portanto, coloca-se como desafio superar a fragmentação do conhecimento resultante do paradigma cartesiano, em especial dentro de áreas específicas, pois a complexidade encontra-se nos diálogos inter e transdisciplinares que levem a superação do paradigma da simplificação, que reduz fenômenos complexos a seus componentes *simples*. Ou seja, “não podemos chegar à complexidade por uma definição prévia; precisamos seguir caminhos tão diversos que podemos nos perguntar se existem complexidades e não uma complexidade” (Morin, 2005, p. 177).

Nesse contexto, o pensamento multidimensional não busca responder a todas as questões sobre um mesmo fenômeno, mas, sim, praticar o *estranhamento* para *compreendê-lo* em suas múltiplas facetas, daí o *complexus*. Urry (2000) e Morin (2005) associam o *complexus* ao *holograma*, analogia ou metáfora para pensar a pesquisa complexa contemporânea, em que a aproximação possível à completude estaria nas partes que compõem o holograma, e não no seu todo. Qualquer uma das partes do holograma contém, implica e ressoa nas demais partes. Assim, a parte se inscreve no todo. Com isso, o sujeito-pesquisador e os sujeitos pesquisados são partes das pequenas partículas *em movimento*, atravessando espaços e tempos, refletidos no holograma (Urry, 2000).

Relacionados aos movimentos metodológico e epistemológico, esses e outros autores pensam o contemporâneo pela imbricação entre fixos e fluxos. Por isso, pensar os métodos como móveis está no centro das discussões contemporâneas das Ciências Sociais, nas quais o estudo do movimento é o cerne (Büscher & Veloso, 2018). Por isso, nas incertezas do pensamento complexo, móvel e multidimensional estão presentes perguntas que, em geral, não levam a respostas, mas a outras perguntas, num ir e vir dialógico entre certezas e incertezas, entre o local e o global, entre o separável e o inseparável (Morin, 2000), que sustentam o novo paradigma.

Nesses termos, o pensar complexo não carrega metodologia[s], mas princípios metodológicos que devem contribuir para o processo de reflexão atentos às incertezas e aos acasos *da* e *na* pesquisa. No entanto, Morin (2005) sustenta que a complexidade pode ter seu método, pois é um *memento* que na origem etimológica latina, significa

lembra-te. Ou seja, o método é lembrete ao pesquisador para enfrentar incertezas, dialógicas e o questionamento do próprio pensamento multidimensional e complexo. O método pode ser sustentado como um teste, um caminho improvisado ou arbitrário, parte da estratégia do pensar *complexus*, que não dissimula sua errância, sendo “necessário que o sujeito se perca em sua própria experiência” (Morin, Ciurana & Motta, 2003, p. 21). Dissolvido no caminhar, o método e a prática “se apresenta no final, talvez para uma nova viagem” (Idem, p. 20). A *viagem* como metáfora para pensar o método, indica que o pesquisador é um *errante, sem direção fixa*. Des-territorializado e preso a sua própria errância no *parar, andar e interromper*. Por isso, as mobilidades *em movimento* demandam a complexidade e métodos móveis para as estudar (Büscher & Veloso, 2018). Por meio da escrita e do pensar, incorpora-se a errância [parte da mobilidade] e a incerteza [parte da complexidade] no exercício do método.

Com base em tais teorizações, questionam-se neste artigo alguns pontos em relação ao contemporâneo, marcado por apresentar capitais, pessoas, culturas e ideias como *em movimento*, que não mais se restringe ao Turismo, que agora se dá como *Turismos*. O método é pensado como caminho, priorizando o movimento que surge em suas práticas. Nestas, a realidade é sempre emergente e os objetos e pessoas apresentam-se em fluxo e rede. Nesse contexto, método móvel e complexo colabora para o aprofundamento do *estar em movimento*. O *complexus* da pesquisa é o tecido com diferentes fios, unidos e transformados, entrecruzando e entrelaçando para formar a unidade de si próprio. Nos dizeres de Morin (2005, p. 188), “a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram”. Sendo assim, o *complexus* do *complexus* é o momento em que as complexidades se encontram. O entrelaçar de conceitos de diferentes áreas, mas também pela busca da Mobilidade como referencial epistemológico da pesquisa em Turismo. Procurando ver a multidimensionalidade para aproximar o social, o cultural e o turístico das possíveis redes.

Eixo Geográfico

A Mobilidade, como revista pelas questões geográficas, tem sido exemplificada como a espacialização do tempo e a temporalização do espaço, levando a percepções de compressão espaço-temporais. Tempos e espaços funcionam como agentes da produção

social da Mobilidade, em que ambos não podem ser desassociados (Cresswell, 2006). Seguindo o mesmo teórico, até o movimento mais simples exige a passagem do tempo e a transversalidade do espaço, mas seria no deslocamento que a conectividade entre dois lugares é notada. Ou seja, o movimento antecede ao deslocamento e este é anterior à mobilidade, porém essenciais para se entender a mesma. O movimento traz a noção de deslocamento, mas neste caso, abstraído de poder e significado; já o deslocamento é o ato carregado de estratégia e de implicações sociais.

A discussão espaço-temporal, unida as redes de poder e controle, coloca-se como “o que antes fazia parte de um aqui e agora conjugado, passa a se dissociar espacialmente” (Haesbaert, 2014, p. 156), pois, para a rede global [globalização] o mundo estaria irrepresentável [mas não incognoscível] no espaço-tempo. Significaria que “finalmente conseguiu ultrapassar a capacidade do corpo humano de se localizar, de organizar perceptivamente o espaço circundante e mapear cognitivamente sua posição em um mundo exterior mapeável” (Jameson, 2002, p. 70). Logo, a espacialidade e a temporalidade “não representam o movimento, mas só podem ser representadas *em movimento* [...]” (Jameson, 2006, p. 40, grifo do autor). Nesse contexto, a Mobilidade é a *produção social em movimento*, na qual o espaço e o tempo agem como dimensões, em que modificados e modificadores estão imbricados nas sensibilidades (De Sá & Gastal, 2021).

Se a espacialidade e a temporalidade sob a Pós-Modernidade são representadas em movimento, o estar no mundo contemporâneo pode e deve ser [re]pensado pelo viés da Mobilidade. As alterações significativas da mobilidade corpórea, imaginativa, de objetos e virtual dos sujeitos implicam em efeitos significativos sobre as unidades sociais, a aceleração do movimento respaldando em como as pessoas experimentam o mundo e produzem a subjetividade (Lash & Urry, 1994; Urry, 2000). A mobilidade, ao mudar a experiência do *ser-estar* no mundo, transforma e invade o cotidiano e, com isso, o modo de ver, de sentir e de presenciar os lugares; no caso da presente discussão, se pode acrescentar, cotidianos de viajantes e turistas.

As teorias do novo paradigma da mobilidade consideram os conceitos geográficos de território e de lugar, pelas transversalidades dos movimentos sobre os mesmos (Sheller & Urry, 2006; Hannam, Sheller & Urry, 2006; Cresswell, 2006). Explique-se: se a Modernidade esteve ligada ao território, e nesta situação enquanto identidade associada ao lugar, à região ou mesmo ao nacional, na lógica de criação do Estado-Nação, o

momento contemporâneo veria tais relações como [des][re]territorializações dos sujeitos (De Sá, 2020b) e das unidades sociais (Deleuze & Guattari, 1997).

Dessa maneira, considerar os conceitos ‘fluxos’ e ‘fixos’ permite retomar aproximações ao território em nova dimensão, para buscar conceitualmente a Mobilidade. Entende-se que os fluxos implicam em tudo que está em movimento no território, do movimento do tráfego de veículos aos movimentos comerciais, das ideias e informações, às expressões culturais, entre outros, que ao mesmo tempo em que impactam o território, o constituem (Gastal, 2006). Assim posto, as velocidades, os ritmos e as intensidades dos fluxos modificam tanto o local, quanto o global, seja no encolhimento e/ou na expansão, em termos de percepção. A desterritorialização que se sobrepõe, implica “um novo estado ontológico em livre flutuação, um estado no qual o conteúdo foi definitivamente suprimido em favor da forma” (Jameson, 2001, p. 162). Haesbaert (2014) vai além, propondo o conceito já citado de *des-reterritorialização*, originado na criação de um novo território, a partir das repetidas vezes em que se torna múltiplo. O território, no seu esvaziamento perceptivo, contrastivamente se abre para as *multiterritorialidades* e, mais ainda, para a presença de *territórios-redes*.

Na mesma lógica, os fixos - parte material da unidade social -, submetidos ao movimento, adquirem função, conteúdo e sentido, sejam eles privados ou públicos, o que inclui outras ressignificações a partir de seu impacto sobre as materialidades (em especial dos ditos *lugares*), mas também sobre as subjetividades. É nessa relação que o lugar, enquanto categoria fixa e territorializada herdada da Modernidade, perde dimensão e força para entendimento do contemporâneo, a menos que seja semantizado a partir do conceito de rede. Pensar o lugar a partir da/de rede para dar conta das novas relações de *ser-estar* no mundo, significa considerar os fluxos (movimento) não só no seu interior, mas rompendo com as amarras do território, espacial e temporalmente, redimensionando-se como o centro de significado imbuído de poder (Cresswell, 2006) ou como *places in play* [lugares em movimento] ou *places to play* [lugares turísticos] (Sheller & Urry, 2004).

A saber, lugares em que o fluxo está estabelecido local e globalmente, principalmente em velocidades, ritmos e intensidades que os colocam como centro de poder e significado. Vale ressaltar que, no âmbito das teorizações pós-modernas, falar sobre *lugares em movimento* ou *lugares em fluxo* ou *lugares turísticos* têm sido uma questão

recorrente. É possível questionar, aqui, por que os *lugares turísticos*, que em muitos dos casos foram pensados, planejados e desenvolvidos para serem, a partir de certa invenção do próprio Turismo como centros de significado, teriam sido rebaixadas nessa categorização por, talvez, abstraídos de poder?

Seguindo as propostas metodológicas da complexidade, em que os encaminhamentos levam a perguntas, e tais perguntas a novos questionamentos, prosseguimos: o que faz com que um determinado atrativo se torne em um lugar turístico? Primeiro, o movimento. Sem essa relação, o lugar turístico é um fixo sem fluxo. Segundo, se os lugares estão impregnados de significados [portanto, movimento ou, no caso, fluxos], empiricamente, eles constituem-se sob dois olhares: o dos sujeitos, viajante ou morador, e o das narrativas/discursos/imaginários impressos nesses locais, os fluxos podendo dar-se descolados do território-lugar.

Eixo Filosófico-Sociológico

Com base no colocado anteriormente, no viés da aproximação geográfica, as discussões sobre Mobilidade têm estado associadas a questões de espaço e tempo, mas não só. Enquanto novo paradigma, a Mobilidade compreende estruturas incorporadas em alto nível, tanto em termos de fluxo como de fixos, levando a rearranjos nas materialidades e [i]materialidade dos lugares (Sheller & Urry, 2006). Nesse contexto, Urry (2000) analisa a mobilidade como corpórea, imaginativa, de objetos e virtual, sendo que uma interfere na outra.

A mobilidade corpórea está associada ao movimento e ao deslocamento corporal humano e como as relações estabelecidas com os lugares, os *performam*. O movimento corporal envolve o interior e o exterior, em que a mínima alteração da performatividade reflete na experiência da Mobilidade. O habitar, os meios de transporte e a tecnologia, por exemplo, são tipos de mobilidade que reapresentam e modificam para os sujeitos a forma de ser e sentir a mobilidade. Questiona-se: *em momento pandêmico, quais foram as alterações de tais percepções da performatividade corpórea?*

A mobilidade imaginativa deriva da percepção da corporalidade perante a performatividade a que ela for exposta, destaca-se o visual. Televisão e cinema, em suas

visualidades, seriam grandes modeladores das percepções de mundo pelos sujeitos. Para Sheller e Urry (2004; Urry, 2000⁶), a dominação cultural dessas mídias decorre dos processos ideológicos que buscam globalizar acontecimentos e eventos, com fortes impactos sobre a vida cotidiana dos sujeitos. Questiona-se: *em momento pandêmico global, quais os impactos sobre o cotidiano dos sujeitos em a-mobilidade, são trazidos pelo imaginário pandêmico midiático?*

A mobilidade de objetos é apresentada em três dimensões: [1] os objetos de viagem, carregados do território visitado ao de origem (e vice-versa), conotam o lugar e a cultura que os originou; [2] os objetos tripulantes, que durante o trajeto demarcam seus significados; e [3] objetos turísticos, frequentemente denominado *souvenirs*, carregam significados em movimento, podendo demarcar a cultura e o lugar, imbricados primordialmente de imaginários. Questiona-se: *em momento pandêmico, quais objetos estiveram em movimento? Como se deu o movimento de objetos? Ou ainda, quais influências tais objetos tiveram no cotidiano dos sujeitos?*

A mobilidade virtual, ainda em processo de introdução tanto teórica quanto empírica, afeta drasticamente os outros tipos de mobilidade já elencados. O ciberespaço, genericamente, parece transportar sujeitos em diversas des-reterritorializações temporais, e nesse híbrido entre humano-máquina, a reconfiguração do corpo age como um esquecimento [de quem digita para quem recebe]. E nessa relação, a reprodução da habitabilidade entre o ‘real’ e o ‘virtual’ está o que pode ser mapeado, cognitiva e subjetivamente, pois os sujeitos habitam paisagens em movimento, em que o viajar e o pertencer dissociam-se. Questiona-se: *em momento pandêmico, quando o virtual se tornou em um dos meios de comunicação possíveis e hegemônico sobre os demais, quais os impactos disso sobre a vida cotidiana? Ou ainda, como tal mobilidade pode ter sido [re]associada para o estar em contato?*

⁶ Nota: mesmo que o livro de Sheller & Urry (2004) e de Urry (2000) datem dos primeiros anos do século XXI, está colocação sobre a mídia parece já superada, embora tal discussão não tenha espaço no âmbito do presente artigo.

Pensando o turístico

No Turismo enquanto área de conhecimento, a Mobilidade tem sido relegada como conceito profundamente afeto a ele. Por vezes, surge como *metáfora* [aventura, viagem e fuga], por outras, tratada *empiricamente* [deslocamento e movimento]. A busca pelo Turismo como indissociável da Mobilidade está expressa, em parte, por Pimentel e Castrogiovanni (2015) quando apresentam os fluxos de viajantes, movimentos de capital, deslocamentos de objetos, trânsito de símbolos, o que, em outras palavras, é um entrelace de múltiplas trajetórias que auxiliam a tecer o espaço turístico. E, portanto, existem duas dificuldades principais: [1] distinguir o Turismo de outras formas de mobilidade e [2] diferenciar o consumo de visitantes daquele de moradores. Considera-se ainda em suspeição como as complexidades trazidas pela atual crise pandêmica afetarão as análises que seguem. Inicia-se, portanto, pensando sobre o que vinha sendo, no momento pré-pandêmico desenhado, em especial em termo de mobilidade turística.

Mesmo que teoricamente a Mobilidade tenha em seus pressupostos outros conceitos, para o Turismo, o que aparentemente prevalece ainda está ligado ao capital e ao consumo. Diferenciar o Turismo de outras formas de mobilidade traz o entendimento da complexidade e da dialógica do mesmo em relação às demais disciplinas – logo, não se tratando de fenômeno isolado – e, em consequência disso, não sendo possível pensá-lo por um único viés. Implica olhar o Turismo pelo viés da Pós-Modernidade, cujas teorizações imbricam novas práticas socioculturais, mercantis e subjetivas, nas quais os sujeitos e as unidades sociais estão inseridos e nas quais, ainda, a Mobilidade se torna categoria constituinte essencial [e suas transversalidades, *imobilidade* e *a-mobilidade*⁷].

O Pós-Turismo, como tem sido denominado, não seria o ‘fim do Turismo’ (Lash & Urry, 1994), mas o esvaziamento do agenciamento maquínico que deriva da Modernidade, deixando um vácuo a ser preenchido pelas alterações significativas em termos de suas funcionalidades, suas práticas e suas características, que dão maior sustentação ao viajante e as suas subjetividades. Isso leva a [des]organização com relação aos produtos, aos deslocamentos e às segmentações, em consonância com novos perfis de turistas. Por exemplo, em termos atuais, a hospedagem oferece muitos formatos que não só hotéis e

⁷ Discussão refletida no artigo Mobilidade, Imobilidade e A-Mobilidade: Para discutir o Turismo em tempos de Covid-19 (De Sá & Gastal, 2021).

pensões; o transporte segmenta muitos modais e desenhos de tarifas; a infraestrutura é redesenhada para atender tanto ao turista, quanto ao morador.

Na mesma perspectiva, desaparece o tradicionalmente tratado como atrativo, para dar opção a ofertas inusitadas em termos culturais, de lazer e de roteirização, permitindo supor uma reconfiguração do Turismo pela via da subjetividade e das tecnologias (Cisne, 2010). Os novos comportamentos dos turistas incluem que ele vá ao encontro de novas experiências e não necessariamente de novos lugares (Molina, 2003). Nesse viés, discute-se o pós-turista como o novo turista *cultural*, e permite sua fuga do sistema turístico na sua condição cultural decodificada do moderno, ainda baseado no tangível e no visível, agora direcionada aos elementos intangíveis da cultura local (Richards & Wilson, 2007).

Visto por esse viés, o pós-turista está no processo de produção de significantes, e não necessariamente afeto ao significado nas suas materialidades. Por exemplo, a cidade que interessa ao *neo turista*, é aquela em que possa intervir por meio de complexas performatividades. O cotidiano é o seu maior interesse. Ao viver o cotidiano do local, o *neo-pós-turista* concebe a sua experiência e uma visão do próprio morador que, por subjetiva, será sempre parcial.

Ampliam-se, ainda, os questionamentos em relação a esse novo cenário que, segundo alguns, leva ao rebaixamento e padronização dos lugares e, em consequência, da experiência do turista (Fortuna & Ferreira, 1996). Por outro lado, a turistificação do lugar, na qual o Turismo transforma, cria e valoriza o território e/ou espaço ali posto para constitui-se em um lugar (Fratucci, 2000), modificariam a experiência vivenciada pelo turista. Dessa maneira, o lugar é um conceito complexo para o Turismo, pois é nele que o turista vive, concebe e/ou percebe a cidade, o anfitrião e a experiência.

Nesse contexto, entende-se que o Pós-Turismo como “um processo notavelmente mais individualizado, que depende mais dos interesses pessoais e do nível de conhecimento da paisagem urbana do que das propostas do sistema turístico” (Domínguez & Russo, 2010). Por tal motivo, o comportamento é menos homogêneo e previsível, não traçando mapas cognitivos tradicionais, mas buscando cartografias de outros novos lugares e territórios. Por isso, essa “concepção mais contemporânea e articuladora [do Turismo] de vivências locais e globais entre cidadãos e turistas, entre fluxos e fixos, resiste a uma produção espetacularizada, artificial, só para turistas” (Gastal & Moesch, 2007, p. 46).

Nesse contexto, em primeiro viés, discutir o Pós-Turismo significa abordar a Mobilidade, e, nela, os propostos deslocamentos corpóreos, imaginativos, de objetivos e virtuais entrelaçando novas relações entre sujeitos e sujeitos/territórios. Ambos os conceitos – Turismo e Mobilidade – carregam em suas concepções mudanças epistemológicas, paradigmáticas e de empirizações, em que cartografar os processos rizomáticos de movimentos e localizar os deslocamentos estão intrínsecos.

Em segundo viés, o pós-turista busca novas relações com o lugar, em que experiência, significa praticar e vivenciar o território e a cultura, em especial as simbólico-cotidianas. Em ênfase diferenciada, o pós-turista, utiliza-se das práticas tidas como alternativas em termos de ofertas de hospedagem e de viagens compartilhadas, que rapidamente eram incorporadas como ofertas de mercado (De Sá, Vieira & Gastal, 2019). Em termos do sistema turístico, o sujeito, estabelece des-territorializações com a viagem, e retornando ao território de origem, [re]fixando-se ao novo território, em muitos casos desvincula-se do sistema capitalístico estabelecido.

Nesse contexto, o Pós-Turismo, pelo viés da Mobilidade, abre espaço para discutir entendimentos sobre espaço, tempo, território e lugar, vivos e percebidos, em que ritmos, escalas, velocidades e experiências estão intrinsecamente envolvidos. Ainda, se pode inferir que muitas contribuições das teorizações sobre a Pós-Modernidade em termos de inter-relação fluxo-fixo, local-global, nômade-sedentário, permitem repensar o turístico.

Em momento pandêmico global, o Turismo como área afetada ao extremo, também se refugiou no virtual, levando a empirizações até então pouco utilizadas, ocasionando uma avalanche de novas possibilidades em termos que ressignificam a experiência de viagem e expectativa de visita. O momento pandêmico a-mobilizou os sujeitos, prendendo e submetendo aqueles que aderiram aos movimentos de quarentena e *lockdown* (De Sá & Gastal, 2021). Os autores ainda colocam que as práticas pandêmicas não só aprisionaram os sujeitos, como também reformaram a forma de ser e estar no mundo, mais uma vez acrescentando novas complexidades *no e para* o entendimento da Mobilidade.

Entende-se que, no viés presencial, o lugar como liberdade do *locus* conhecido torna-se prisão. A estrutura de poder implícita pode parecer simples, mas engendra novas relações, em que o sujeito se torna dominado, justo pelo que seria seu pertencimento. É como se a *casa-lar* cobrasse do sujeito a sua fixidez, ou seja, retirando do fluxo

[movimento] e fazendo com que vivencie relações estanques. Se há o sentimento de prisão, haverá a busca pela liberdade (Gastal, 2005). Se o lugar estiver associado a esta prisão, a liberdade será associada à evasão: “É uma espécie de ‘pulsão migratória’ incitando à mudança de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade” (Maffesoli, 2001, p. 51).

Mas, não é necessário que pulsão se materialize no nomadismo de todos – como entre as tribos nômades tradicionais – para que sua presença seja forte. Se vivida por um número cada vez maior de pessoas no conjunto da população, ela irá alimentar um imaginário coletivo, que não raro ainda guardara a memória de errâncias, atavicamente sedimentadas. “Essa errância nos manda de volta a uma realidade móvel e fervilhante, a da troca que, no próprio seio das sociedades mais sedentárias, está sempre à espreita, pronta para aparecer e balançar as certezas estabelecidas e os diversos conformismos do pensamento” (Maffesoli, 2001, p. 58).

Nesse sentido, alguns cogitam o que está sendo denominado de *cérebro pandêmico*, em que vivemos um estado prolongado de espera, de confinamento e relaxamento, restrições e medidas de proteção sem saber quando vamos recuperar o que hoje chamamos de *normalidade* (Cueto, 2021). Esse cérebro pandêmico afeta as relações socioculturais como um todo, em que mesmo a imposição do virtual pode ter contribuído para tal. A falta ou o vazio do contato presencial pode criar simulacros de significantes, perpetuando a falta do conteúdo da relação física com outros sujeitos, pesando uma sucessão de a-mobilidades corporais e simbólicas. Permite-se supor que num novo desenho de momento cultural [*neo-pós-modernidade?*] que a pandemia poderá desencadear, o Turismo terá que se reposicionar enquanto área do conhecimento, que pese teorizações móveis, pensando além dos fixos. Mas também, enquanto empirizado, que nas complexidades surgem respostas fracas para o desenrolar de relações futuras quanto ao movimento de turistas.

Seria possível pensar que nesse novo desenho de momento cultural existiria o nascimento do *neo-pós-turista*, preocupado com as complexas relações e impactos que o seus movimentos e deslocamentos carregam? Ou ainda, de que na complexidade de sua posição social e cultural no mundo se altera toda uma rede de mobilidades?

Considerações Não-Finais

O presente artigo considera desenhar uma reflexão em processo sobre o momento contemporâneo, levantando questões emergentes no que possam colaborar a compreensão de um cenário pós-pandêmico. Isso porque muitas das relações derivadas do momento pandêmico poderão ecoar por algum tempo após o controle da Covid-19, principalmente envolvendo a Mobilidade e o Turismo (De Sá, 2020a). Com isso, o objetivo de pontuar aproximações e distanciamentos entre a tríade proposta, dividiu-se em três eixos para análise, na qual cada um deles pretendia compor uma parte do holograma que compreende a pesquisa em Mobilidade e Turismo.

O eixo epistêmico-metodológico, como inicialmente apresentado, demonstra a complexidade e a Mobilidade em entrelaçamento na pesquisa, no pesquisador e no seu objeto/sujeito de estudo. Transpor ambos conceitos para o pensamento turístico pode ser definidor de novas categorias e visões sobre a própria disciplina e suas práticas. Ainda que a complexidade tenha sido revista na área (Moesch, 2013), os conceitos que abarcam a Mobilidade surgem levemente. Nesse sentido, a complexidade e a Mobilidade seguem para os aportes teóricos, aqui em destaque o geográfico e o filosófico-sociológico.

As interrelações entre os eixos vão além, buscando na Pós-Modernidade o que tem sido determinado como Pós-Turismo, compreende tanto os aspectos teórico-metodológico, quanto os empíricos, colocados como imbricado pelas relações contemporâneas, complexas e dialógicas, dos fluxos-fixos, sedentário-nômade e das redes [dinâmica que ainda parece estar interpelando conceitos e práticas em diferentes visões]. Esse artigo permitiu inferir que os estudos da tríade estão mais próximos do que os autores de diferentes áreas têm afirmado [ou ao menos tem ignorado em suas pesquisas], permitindo pensar um possível *neo-pós-turista*.

Preciado (2021) retoma Foucault para dizer que todo o corpo [político e moral] está à beira do que é determinado para ele, pela vida e pela morte. Para este filósofo, o paradoxo da biopolítica é o de que todo ato de proteção implica uma definição imunitária da comunidade segundo a qual ela se dará a si mesma a autoridade de sacrificar outras vidas em nome de uma ideia de sua própria soberania. Assim, o estado de exceção é a normalização deste paradoxo insuportável. Nesse contexto, a forma como cada sujeito e

cada unidade societal tratou a pandemia é um formato de análise para o momento pandêmico e determinará a continuação a partir desse movimento. As muitas perguntas colocadas no eixo filosófico-sociológico permanecem, por ora, em aberto.

Referências

Anderson, P. (1999). *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Büscher, M. & Veloso, L. (2018). Métodos móveis. *Revista Tempo Social*, 30(2): 133-151. <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/142258/142055>

Calabrese, O. (1988). *A idade neobarroca*. Lisboa: Edições 70.

Cisne, R. (2010). *Roteiro turístico, tradição e superação: tempo, espaço, sujeito e (geo)tecnologia como categorias de análise*. [Dissertação de Mestrado em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil].

Cresswell, T. (2006). *On the move: Mobility in the modern Western World*. Londres: Routledge.

Cresswell, T. (2010). Towards a politics of mobility. *Environment and Planning D: Society and Space*, 28(2): 17-31. doi/10.1068/d111407

Cueto, J. C. (09 ago 2021). *Covid: o que é cérebro pandêmico e como ele afeta nosso dia-a-dia*. *BBC News*. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57983533>

Deleuze, G., & Guattari, F. (1997). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* - volume 1. São Paulo: Editora 24.

De Sá, F. Z. (2020a). Mobilidade da produção científica sobre Turismo e Covid-19. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 12(3), 1-12. <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8858/pdf>

De Sá, F. Z. (2020b). *A Mobilidade do quarteto instrumental Yngos: Dos fluxos às redes. Turismo, Território e Música*. [Dissertação de Mestrado em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil].

De Sá, F. Z., Vieira, J. P., & Gastal, S. A. (2019). Turismo e turista: percursos modernidade – pós-modernidade. In: Soares, L. M. P.; Gullo, M. C.; Vianna, S. L. G. (Org.), *A economia e o turismo: observando novas realidades*. Caxias do Sul, RS: EDUCS.

Domínguez, A. Q., & Russo, A. P. (2010). Paisajes urbanos em la época post-turística: Propuesta de um marco analítico. *Scripta Nova – Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales*, 14(323): 1-14.

Fortuna, C., & Ferreira, C. (1996). *O turismo, o turista e a (pós) modernidade*. <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10979/1/O%20Turismo%2C%20o%20Turista%20e%20a%20P%C3%B3s%20Modernidade..pdf>

Fratucci, A. C. (2000). Os lugares turísticos: Território do fenômeno turístico. *GEOgraphia*, 2(4), 121-133. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2000.v2i4.a13390>

Gastal, S. (2005). Nomadismo e Turismo: viagem como vida no espaço. In: Trigo, L.G. et al (org). *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: Roca.

Gastal, S. (2006). *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas/SP: Aleph.

Gastal, S., & Moesch, M. (2007). *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo, SP: Aleph.

Haesbaert, R. (2014). *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand.

Hannam, K., Sheller, M. & Urry, J. (2006). Mobilities, Immobilities and Moorings. *Mobilities*, 1(1), 1-22. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/363222/mod_resource/content/0/7-Urry_Mobilities.pdf

Harvey, D. (1992). *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.

Hutcheon, L. 1991. *Poética do pós-modernismo. História. Teoria. Ficção*. Rio de Janeiro: Imago.

Jameson, F. (1992). *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática.

Jameson, F. (1995). *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal.

Jameson, F. (1996). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.

Jameson, F. (1997). *Sementes do tempo*. São Paulo: Ática.

Jameson, F. (2001). *Cultura do dinheiro*. Petrópolis: Vozes.

Lash, S., & Urry, J. (1994). *Economies of sign and space*. Londres, RU: Sage.

Lash, S. (1997). *Sociologia del posmodernismo*. Buenos Aires: Amorrortu.

Liotard, J. F. (1986). *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Maffesoli, M. (2001). *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. São Paulo: Record.

Moesch, M. M. (2013). O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do Turismo. *Revista Cenário*, 1(1), 08-28. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/15206/22268>

Molina, S. (2003). *O pós-turismo*. São Paulo, SP: Aleph.

Morin, E. (2000). Da necessidade de um pensamento complexo. In: Martins, F. M.; Silva, J. M. Morin, E. (Org.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 2. ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.

Morin, E. (2005). *Ciência com consciência*. Tradução de Maria Alexandre e Maria Dória. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand

Morin, E., Ciurana, E. R., & Motta, R. D. (2003). *Educar na Era Planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. Tradução de Sandra Valenzuela. São Paulo, SP: Balland.

Pimentel, M. R., & Castrogiovanni, A. C. (2015). Geografia e Turismo: Em busca de uma interação complexa. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 7(3), 440-458.

http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/3593/pdf_466

Preciado, P. B. (2021). Aprendiendo del virus. *In: Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo de tiempos de pandemias*. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio)

Richards, G., & Wilson, J. (2007). Tourism development trajectories. From culture to creativity?. *In: Richards, G., & Wilson, J. (org.). Tourism, Creativity and Development*. (pp. 1-34). Londres: Routledge.

Sheller, M., & Urry, J. (2004). *Tourism mobilities: places to play, places in play*. Routledge.

Sheller, M., & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A*, 38(1), 207-226. <https://doi.org/10.1068%2Fa37268>

Urry, J. (1995). *Consuming places*. Londres, RU: Routledge.

Urry, J. (2000). *Sociology beyond societies: Mobilities for the twenty-first century*. Londres: Routledge.

Urry, J. (2001). *O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas*. São Paulo, SP: Studio Nobel.

Urry, J. (2007). *Mobilities*. Cambridge: Polity Press.

Vieira, J. P. (2020). Refletindo sobre exclusão: Turismo e cidade a partir das falas de uma comunidade periférica de Caxias do Sul/RS (Brasil). [Dissertação de Mestrado em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil].

Vieira, J. P., & Gastal, S. A. (2021). Turismo, inclusão e exclusão: O discurso da periferia em Caxias do Sul/RS, Brasil. *Revista Turismo – Visão e Ação*, 23(1), 132-147. <https://doi.org/10.14210/rtva.v23n1.p132-147>